

## Para sentir os conceitos no corpo: o pensamento de Leda e o Reinado

*Como uma extensão e aprofundamento do espaço expositivo, a publicação produzida pelo Itaú Cultural apresenta ao público o Reinado como escola, além de poemas de Leda e uma matéria sobre conceitos chave na criação de Leda: encruzilhada; oralitura; corpo-tela. Este é o tema do texto abaixo, de autoria de Duanne Ribeiro, jornalista do IC.*

Na teoria pode até ser, mas, na prática, teoria e prática não se separam. Isso é especialmente verdadeiro no caso de Leda Maria Martins, que sempre enfatiza a inter-relação entre suas áreas de atuação: ensinar, pesquisar e escrever envolvem ao mesmo tempo a intelectual e a artista, o pensar e o fazer. Essa imbricação entre ato e conceito, todavia, é a marca geral do nosso estar no mundo: ao seguir em direção à realidade, encontramos pensamento, assim como, ao seguir em direção ao pensamento, encontramos realidade. Esta publicação é feita de andanças desse tipo – nas páginas anteriores, fomos ao real do Reinado; agora, vamos às ideias.

Neste capítulo, assim, pensaremos o Reinado a partir dos instrumentos conceituais de Leda. Nos figurinos, na música e na dança, veremos em funcionamento as ideias de *encruzilhada*, *oralitura*, *corpo-tela* e *tempo espiralar*, que pontuam a originalidade de nossa homenageada. O Reinado será aqui o ponto de vista privilegiado para exibir a potência desses conceitos, os quais, claro, podem migrar para outros campos e vivências, abrindo novas possibilidades filosóficas.

### Encruzilhada

Ponto de confluência e de passagem, de indistinção e de decisão. A encruzilhada é uma noção tensa, que capta concepções, experiências estéticas, realidades que não cabem em uma lógica linear ou que tenha pretensões de "pureza". Em um país como o Brasil – que resulta da reunião de influências indígenas, africanas e europeias –, esse parece ser um conceito indispensável. Em particular, para a diáspora: "A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas", avisa Leda em *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. No livro, ela também escreve:

[...] a encruzilhada é um princípio de construção retórica e metafísica, um operador semântico pulsionado de significância, ostensivamente disseminado nas manifestações culturais e religiosas brasileiras de predominância nagô e naquelas matizadas pelos saberes bantos. O termo *encruzilhada*, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos.

Ao longo da história dos Congados e Reinados – que remonta ao início do século XVIII –, essas manifestações culturais se constituíram e efetivaram em processos desse tipo. As referências à cultura africana – sua instalação, à revelia, em território colonial e hostil – se somaram à absorção

de símbolos católicos; além disso, a hegemonia política, no momento desses folguedos, se via abalada: ao cruzar a via da poesia, o poder acabava dando lugar a outro poder; a hierarquia dos reis e das rainhas do Reinado funcionava concreta e politicamente para a união do povo negro.

A cultura negra, sugere Leda, também em *Afrografias da memória*, "em seus variados jogos de asserção, funda-se dialogicamente, em relação aos arquivos das tradições africanas, europeias e indígenas, nos jogos de linguagem, intertextuais e interculturais, que performa". Tendo isso em vista, nós podemos perguntar: quais são as encruzilhadas dessa cultura no presente?

## **Oralitura**

É, mais uma vez, de *Afrografias da memória* que extraímos um fio condutor:

Nos circuitos de linguagem dos Congados, a palavra adquire uma ressonância singular, investindo e inscrevendo o sujeito que a manifesta ou a quem se dirige em um ciclo de expressão e de poder. No circuito da tradição, que guarda a palavra ancestral, e no da transmissão, que a reatualiza e movimenta no presente, a palavra é sopro, hálito, dicção, acontecimento e *performance*, índice de sabedoria.

Aqui se delineiam as particularidades da palavra oral: ela instaura relações, por um lado, entre quem ouve e quem fala, e, por outro, entre um passado e sua recolocação no presente. Sendo, em primeiro lugar, troca entre corpos – sopro, hálito e dicção remetem ao sensorial –, a palavra oral implica uma retomada de saberes e posturas (por isso, é performada) e implica mudança em campos sociais e simbólicos (por isso, é acontecer). O sábio tem isso na ponta da língua.

Leda, em diálogo com a pesquisadora Mineke Schipper – que cunhou o termo *orature* (junção de *oral* e *literature*) para enfocar a presença da oralidade em textos literários africanos –, propõe o conceito de *oralitura* para dar conta desses poderes da fala. É no contexto da pesquisa dos Congados e Reinados realizada no *Afrografias* que ela o utiliza pela primeira vez:

Aos atos de fala e de *performance* dos congadeiros denominei *oralitura*, matizando neste termo a singular inscrição do registro oral que, como *littera*, letra, grafa o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de *litura*, rasura da linguagem, alteração significante, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas.

A oralitura, assim, parece estar na encruzilhada entre o oral e o escrito, e é um espaço em que se fazem sujeitos e sociedades. Nos Congados e Reinados, uma das maneiras pelas quais isso se mostra é a mobilização de áreas de expressão e de modos estar no mundo:

A palavra oral, assim, realiza-se como linguagem, conhecimento e fruição porque alia, em sua dicção e veridicção, a música, o gesto, a dança, o canto, porque exige propriedade e adequação em sua execução [...]. Assim, nos Congados, cada situação e momentos rituais exigem propriedade da linguagem, expressa nos cantares: há cantos de estrada, cantos para puxar

bandeira, cantos para levantar mastro, cantos para saudar, cumprimentar, invocar, cantos para atravessar portas e encruzilhadas, e muitos outros.

Criado nas ruas de Minas Gerais e entre os seus tambores, o conceito de oralitura nos instiga a pensar sobre outros âmbitos nos quais a escrita se faz com a voz e a cultura com o corpo.

### **Corpo-tela**

Tanto é assim que a noção de corpo-tela bebe da fonte oraliterária. Para entendê-lo, podemos nos propor a seguinte questão: o que é um corpo? É algo que apenas se vê (no espelho ou no outro diante de nós)? Ou que também se ouve? Ou que também leva, nos gestos, memórias? E que, ainda, se inscreve em redes de símbolos? Na expressão artística, tudo isso se sobressai: o corpo do artista exhibe um mundo. É por isso que, para Leda, o corpo-tela é

[...] um *corpus* cultural que, em sua variada abrangência, aderências e múltiplos perfis, torna-se *locus* e ambiente privilegiado de inúmeras poéticas entrelaçadas no fazer estético. Um corpo historicamente conotado por meio de uma linguagem pulsante que, em seus circuitos de ressonâncias, inscreve o sujeito enunciator-emissário, seus arredores e ambiências, em um determinado circuito de expressão, potência e poder.

O trecho é de *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*, como os outros nesta seção. Nele, vê-se como o corpo-tela é um ponto em um fluxo de sentido, que fala e é falado por todo um conjunto de práticas. Nesse processo, também se expande em adereços e objetos, cores e formas. O corpo-tela possui uma cenografia própria, da fé à cultura, envolve

modelos diversos de saias, saiotes, anáguas, turbantes de vários estilos, brincos, braceletes, rosários e terços, colares, instrumentos amarrados às pernas e aos braços, assim como a decoração dos entornos, o enfeite de capelas, mastros, bandeiras, árvores, altares, nichos.

Com isso em mente, podemos considerar como o Reinado apresenta um corpo-tela seu. Leda, ao falar do saber poético e social compartilhado pelos africanos diaspóricos, diz que

[toda] a memória desse conhecimento é instituída na e pela *performance* ritual dos Reinados, por meio de técnicas e procedimentos performáticos veiculados pelo corpo, em vários de seus atributos, entre eles a voz, numa refinada e complexa estilização estética e artesanal. O universo de cognição expresso em todos os cerimoniais e liturgias transcria, nas Américas, estilos africanos, modos de vivências e de pertencimento, uma percepção e compreensão do cosmos diferenciadas, assim como uma singular reflexão sobre o sagrado que transcende os idiomas metafísicos ocidentais.

No Reinado, o corpo veicula – a metáfora de transporte é importante – uma ancestralidade; não só: transcreve e renova esses conteúdos em expressão. Tudo se passa em uma relação entre tempos – o que foi, o que é e o que será se entrelaçam aqui de maneira peculiar.

## Tempo espiralar

Consideremos, então, o *tempo*. Como é que corre o tempo? Se ele tem a forma da seta, como é frequente figurar no pensamento ocidental, vai só adiante e em linha reta: passado, presente e futuro em sucessão necessária. Vimos que isso não dá conta da experiência do corpo-tela. Já o *tempo espiralar*, trabalhado por Leda a partir da filosofia africana, consegue conceituá-la.

Em vez da seta, a espiral. Não o círculo: não se trata simplesmente de sair e retornar ao início. A espiral se distancia do ponto de partida e o retoma em outro nível, carregada do caminho que percorreu. Em interações sucessivas, ela se apropria do novo e repõe o antigo, em um movimento de simultaneidades e confluências, de potencial infinito. É uma perspectiva prenhe de efeitos: o que se transforma, nas nossas perspectivas de vida, se a virmos de forma espiralar?

O deslocamento de concepções – fomos, muitos de nós, criados com a ideia retilínea de tempo – pode dificultar apreender essa outra maneira de ver. Mas a música nos dá uma imagem:

Os tambores são fazedores de ritmos. Na textura dos seus timbres brilham as qualidades e complexidades rítmicas. Os ritmos, por sua vez, encantam os sons. [...] O ritmo é a qualidade mais distintiva das criações verbicomusicais negras, e se grafa, como síntese, na dinâmica do tempo maior em espirais.

A música negra, comenta Leda em *Performances do tempo espiralar*, se dá por espirais: voltas e idas, seja nas trocas entre voz principal e coro, seja nas quebras que a síncope distribui em cada turno da canção. Nos Reinados e Congados, Leda encontra isso bem especificado:

[...] quando "pega" o canto, o cantador seguinte, antes de iniciar um outro tema ou mote mantém as espirais no movimento coletivo, repetindo o canto anterior e antecessor por três vezes. Podemos também pensar a técnica dos responsos como parte de consecução dessa dinâmica espiralar. O cântico vai e volta, ondulado, curvo, ele mesmo saber do tempo como sonoridades espiraladas.

Em espirais também se fez este texto, que agora, no final, frequenta o seu início. Viemos de uma proposta de pensamento, recomeçada vez após vez. A cada reencontro dos conceitos de Leda no Reinado e além, alinhavamos as respostas, que, em suma, não se dão separadamente – tempo espiralar, corpo-tela, oralitura e encruzilhada se efetivam ao mesmo tempo. Escutando a imagem desse canto de cantador, estamos para além do proposto, mas na exata abertura que ele apresentava: munidos da filosofia de Leda, podemos criar possibilidades do pensar.